

“Dar uma colher de chá”: uma análise de expressões idiomáticas em dicionários de língua portuguesa

“Cut some slack”: an analysis of idioms in Portuguese language dictionaries

Gislene Lima Carvalho*

RESUMO: As expressões idiomáticas se caracterizam por serem compostas por duas ou mais palavras e apresentarem um significado opaco, não compreensível pela soma das palavras que as compõem. Devido a estas características, o ensino/aprendizagem destes elementos linguísticos se torna difícil ou sequer é mencionado em materiais de ensino como livros didáticos e dicionários. Considerando que o dicionário serve de apoio ao aprendizado do léxico por estudantes nativos e estrangeiros, neste trabalho temos o objetivo de analisar qual o tratamento dispensado às expressões idiomáticas em dicionários de português língua materna e de língua estrangeira com base nas classificações propostas pelos dicionaristas. Este trabalho é fruto de uma pesquisa-piloto realizada no âmbito do grupo Lexicografia, Terminologia e Ensino (LETENS) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) que desenvolve pesquisas sobre e nos dicionários.

ABSTRACT: Idioms are characterized by being composed of two or more words and submit one opaque meaning, not understandable by the sum of their words. Due to these characteristics, the teaching / learning of these linguistic elements become difficult and they are scarcely mentioned in teaching materials like textbooks and dictionaries. Whereas the dictionary serves to support the learning of vocabulary by native and foreign students, in this paper we aim to analyze the treatment given to idioms in dictionaries of Portuguese native language and foreign language based on classifications proposed by lexicographers. This work is a pilot study conducted under Lexicography, Terminology and Teaching Group (LETENS) of Universidade Estadual do Ceará (UECE) that develops research in dictionaries.

PALAVRAS-CHAVE: Expressões idiomáticas. Dicionários. Cultura. Léxico.

KEYWORDS: Idioms. Dictionary. Culture. Lexicon.

1. Considerações iniciais

O léxico corresponde ao vocabulário usado pelos falantes para a comunicação. É com o uso dos elementos lexicais que os falantes interagem, trocam informações, vivenciando o ato comunicativo. Léxico é, portanto, elemento de veiculação de significados, sendo de total relevância para a comunicação linguística.

O léxico é formado pelo conjunto de vocábulos que existem em determinada língua e é tido como o patrimônio linguístico da sociedade que o utiliza. É um conjunto complexo que,

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

como afirma Biderman (2005, p. 747), “inclui unidades muito heterogêneas – desde monossílabos e vocábulos simples até sequências completas formadas de vários vocábulos e mesmo frases inteiras...”.

Ele está composto de estruturas distintas que compõem o conjunto de elementos utilizados na interação verbal e que estão armazenadas também na memória linguística dos falantes. Estas estruturas podem ser simples, uma só palavra, ou compostas, formadas por duas ou mais palavras. São as chamadas lexias complexas, dentre as quais estão os fraseologismos, objeto de análise neste artigo.

Contudo, o léxico não é uma entidade autônoma. Ele sofre a influência direta de fatores externos que irão contribuir para sua formação, entre eles: a cultura, contato com outras línguas, arcaísmos, neologismos, enfim, as experiências dos falantes determinam as mudanças pelas quais passará o léxico de uma sociedade.

É através do léxico que percebemos as mudanças de uma língua, pois ele reflete diretamente as influências internas e externas. Ele está relacionado ao conhecimento da comunidade na qual se insere e às formas que essa comunidade interpreta o mundo que a cerca. Como afirmam Carvalho e Bagno (2011, p. 9), o léxico:

está sempre em processo de formação: a todo momento, novas palavras são incorporadas ao patrimônio lexical do idioma, assim como antigas palavras perdem e/ou ganham novos sentidos, decorrentes das práticas sociais da linguagem.

O conjunto lexical de um povo engloba as variadas maneiras de expressar-se verbalmente, utilizadas pelos falantes. Além das palavras comuns de uso e conhecimento universal, cada sociedade desenvolve e mantém um grupo de expressões peculiares que, muitas vezes, são motivos de dificuldades na comunicação, uma vez que, para que seu significado seja compreendido, é necessário que os interlocutores compartilhem da mesma cultura. Estas unidades são criadas para a transmissão de ideias ou sentimentos que a língua em si não contempla, transmitem a visão de mundo, costumes e ideologias dos falantes, sendo, pois, representação cultural de um povo. Dentre estas, encontramos as expressões idiomáticas, elementos que tentaremos definir a seguir relacionando-as à cultura.

2. Cultura e expressões idiomáticas

A concepção primeira de cultura remete aos gregos e refere-se a conhecimento, educação e expressões artísticas praticadas por alguém. Esta visão de cultura privilegia os letrados e considera que apenas estes eram detentores de cultura. Assim, cultura resumia-se a conhecimento e saber literário ou artístico.

Em uma rápida consulta ao verbete *cultura* nos dicionários - Aurélio (2010), Houaiss (2004) e Dicionário da Academia Brasileira de Letras (2008) -, encontramos como primeira acepção o ato de cultivar a terra. Em uma segunda acepção, temos cultura referindo-se a comportamento, crenças, costumes e manifestações artísticas típicas de um povo e que são transmitidas coletivamente às novas gerações. Nesta segunda definição, entendemos cultura como toda e qualquer manifestação de um povo, sem distinção de classe social.

Sob esta visão mais ampla do termo, reconhecemos que todas as sociedades, seja antiga ou moderna, apresentam visões de mundo, costumes e crenças que definem sua forma de viver e que identificam e personalizam os indivíduos pertencentes a elas, sem as quais, segundo Geertz (1989), o homem não existiria. Estas visões caracterizam a carga cultural deste povo e a cultura tem se tornado tema de inúmeros trabalhos que tentaram definir e delimitar o que é cultura.

O desafio de ensinar uma língua, atualmente, tem trazido à tona o debate sobre a importância da cultura e da participação desta no processo de ensino-aprendizagem. Isto, segundo Kramsch (1996, p. 1), deve-se ao fato de que os “educadores temem que a simples aquisição de sistemas linguísticos não seja garantia de paz e compreensão mundial.”¹ O fato é que a cultura passou a fazer parte das salas de aula. No entanto, a definição do que seja cultura ainda é algo que apresenta variadas faces e gera controvérsias.

O conceito de cultura perpassa diversas áreas do saber – antropologia, educação, psicologia - podendo referir-se aos costumes de uma sociedade, conhecimento adquirido por esta sociedade ao longo do tempo, ou comportamento desta diante da vida e sua forma de encará-la. Tudo isso forma a cultura de um povo. Como afirma Ortíz Alvarez (2002, p. 158),

[...] cada sociedade tem características próprias que a diferencia das demais, o conteúdo do que é cultura, sua dinâmica e sua importância, enfim, tudo isso deve variar bastante de uma comunidade para outra, inclusive dentro de uma mesma também acontece, portanto, seria mais do que interessante e de grande

¹ Tradução nossa do original: “Educators fear that the mere acquisition of linguistic systems is no guarantee of international peace and understanding.” (p.1)

motivação, com certeza imprescindível, o estudo e análise dos valores culturais da língua-alvo.

Portanto, há variadas definições de cultura que vão além da distinção culto-inculto, erudito ou popular. Propõe-se cultura como tudo o que é aprendido, adquirido por um povo e passado de geração a geração. Assim, são manifestações culturais: a música, a dança, os costumes, a culinária e, principalmente, a linguagem. Nesse sentido, o meio de comunicação e, do mesmo modo o uso da língua, é forma representativa desta cultura.

Em uma visão mais ampla, o termo também pode ser usado para fazer menção a um conjunto de elementos artísticos de dada comunidade ou comportamentos comuns a esta. Geertz (1989) define cultura com um conjunto de mecanismos de controle - planos, receitas, regras, instruções - para governar o comportamento. Concordamos que estes mecanismos são adquiridos, porém não se restringem a conhecimento literário ou artístico, mas sim “conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo [ser humano] como membro de uma sociedade”. (EDWARD TYLOR [1871] apud LARAIA, 1986, p. 25).

Esta noção mais abrangente de cultura é utilizada para referir-se às formas de viver e de agir de um povo, bem como suas manifestações artísticas, vestimentas, comportamento, literatura, língua e tudo o que lhe seja peculiar. É essa concepção ampla de cultura como conhecimento, ideias e crenças que determinam a vida social de um grupo ou nação, que adotaremos neste trabalho.

Dentre as manifestações culturais, entendemos linguagem como um dos componentes da cultura. É uma manifestação cultural que individualiza, de certa forma, a maneira de se expressar de cada sociedade e que deve ser ensinada e aprendida em relação com os costumes da comunidade de fala em questão. A língua é, portanto, elemento de valor social e está intimamente relacionada à cultura do povo que a utiliza.

Nesta perspectiva, abordaremos a relação existente entre cultura e língua. Acreditando que são lexias indissociáveis, utilizaremos, pois, o termo língua-cultura, pois “a linguagem é um dos principais componentes da cultura” (FONTES, 2002, p. 178), e “uma das principais formas em que a cultura se manifesta”² (KRAMSCH, 1996, p.3), não podendo língua ser vista dissociada da cultura ou vice-versa. Esta relação torna-se mais perceptível no ensino de línguas.

² Tradução nossa do original: “One of the major ways in which culture manifests itself is through language.” (p.3)

Quando falamos em língua-cultura, estamos falando da estreita relação que existe entre a língua de um povo e a cultura por ele compartilhada. Dentro do léxico de um idioma, existem expressões que representam a cultura de maneira mais clara por terem seus significados convencionados a partir dela, são as expressões idiomáticas, elementos que definiremos a seguir.

A linguagem verbal é composta por lexias simples, compostas, complexas e textuais (POTTIER, 1975). As simples são compostas por apenas uma palavra, as compostas, por duas ou mais e são ligadas por hífen; as complexas seriam as combinações fixas e indecomponíveis, as chamadas expressões cristalizadas; as textuais seriam pequenos textos como provérbios e orações.

Os fraseologismos estariam entre as complexas e textuais. Para Zuluaga (1980, p.21), “os fraseologismos fazem parte do acervo ou repertório de elementos linguísticos, anteriores à fala, conhecido pelos falantes.” Mesmo as categorias fraseológicas mais transparentes não são combinações livres, pois seu significado, embora dedutível, só será conhecido em bloco e não pela soma das partes isoladas.

Neste grupo, encontramos as expressões idiomáticas (EI) que são elementos linguísticos formados por duas ou mais palavras que apresentam fixação/repetição no uso, cujo valor semântico não corresponde à soma de seus elementos constituintes. São fortemente influenciadas pela cultura que subjaz à língua em questão e, geralmente, não são compreendidas por falantes que não compartilham desta cultura.

Embora as EIs sejam peculiares à língua que as utiliza, são expressões universais visto que todas as línguas naturais fazem uso delas. No entanto, cada sociedade apresenta um conjunto de expressões que são criadas e utilizadas de acordo com suas visões de mundo e suas manifestações culturais.

As EIs perderam totalmente o valor semântico de seus elementos isolados e adquiriram um valor convencionado pela sociedade, ou seja, o plano da expressão não corresponde ao plano do conteúdo, são, portanto, idiomáticas já que seu significado, na maioria dos casos, é opaco por não ser deduzido por suas partes.

As EIs não são autônomas, elas carecem de um sujeito determinado para que sejam inseridas na oração, no discurso. Estas expressões fazem parte das línguas e, segundo Jorge (2001, p. 216), elas

descrevem, pelas imagens que sugerem, o mundo real, os lugares, as experiências quotidianas, os sentires... Mantêm intacto o colorido de um povo, constituem uma voz rica de sabedoria que soube imprimir na linguagem a sua identidade.

Devido ao seu carácter cultural, estas expressões devem figurar em materiais de apoio ao processo de ensino/aprendizagem com o objetivo de formar falantes competentes que conheçam o “colorido do povo” que utiliza a língua em questão.

EIs são, portanto, idiossincrasias que individualizam uma dada comunidade, são, pois, particularidades que caracterizam um povo e representam a cultura partilhada por ele. Elas foram criadas no decorrer do tempo a partir das vivências e experiências de um povo, sendo metáforas do que se passou. São “espelhos de uma cultura, ajudando os homens a comunicar e a interpretar o mundo que os circunda.” (MORAIS POLÓNIA, 2009, p.18)

3. Dicionários

O dicionário é um “repertório de palavras, organiza-se, na maioria das vezes, por ordem alfabética para facilitar a consulta. Nele há informações gramaticais, semânticas, pragmáticas discursivas e socioculturais” (PONTES, 2009, p. 24). Material que serve de apoio ao professor, é considerado, pejorativamente, “o pai dos burros”, pois é a ele que recorremos quando estamos em dúvida com relação à grafia, significado ou classificação de um vocábulo de nossa língua materna. É ele também que nos orienta quando iniciamos os estudos em uma língua estrangeira e nos vemos em situação de desconhecimento de palavras ou expressões naquela língua.

O dicionário atua no ensino/aprendizagem de línguas como elemento norteador dos valores semânticos do léxico de uma língua e deve, pois, trazer em si os valores culturais que subsidiam estes significados. É, antes de tudo, um material de apoio ao aprendizado de línguas, uma vez que é riquíssimo em informações sobre um idioma, pois traz um vasto repertório lexical com informações linguísticas e socioculturais sobre a língua em questão permitindo que seja possível maior conhecimento sobre a visão de mundo que subjaz cada uma das lexias que

compõe este material. Dada sua importância, faz-se necessário que sejam realizadas pesquisas nos e sobre os dicionários de todos os tipos.

O dicionário é utilizado, no ensino de línguas, como um instrumento linguístico e, de acordo com Nunes (2006), ele confere alteridade ao falante e interfere na relação que este tem com sua língua. Para Krieger (2004/2005), o uso adequado do dicionário pelos estudantes pode ajudá-los no desenvolvimento das capacidades de leitura e escrita. Ainda segundo a autora, o dicionário serve como base ao desempenho lexical do aluno que chega à escola com um vocabulário limitado e, portanto, sua escolha deve ser baseada na organização apresentada bem como na proposta lexicográfica, tendo em vista os objetivos do aluno.

Nunes (2006, p.11) afirma que as significações dos dicionários “não são aquelas que se singularizam em um texto tomado isoladamente, mas sim as que se sedimentam e que apresentam traços significativos de uma época”. O dicionário seria, então, mais que uma simples lista de definições de palavras corretas, seria um discurso no qual se percebe a cultura de uma época em uma dada sociedade, de seus falantes e da sua interferência na língua.

Neste trabalho, analisaremos os verbetes das palavras que compõem dez expressões iniciadas pelo verbo “dar”. Inicialmente, será analisado o verbeito relacionado ao verbo “dar” e, em seguida, os substantivos que formam as expressões. Buscamos expressões idiomáticas, sua definição e como estas são classificadas pelo dicionarista.

4. As expressões idiomáticas nos dicionários

As EIs apresentam como característica a pluriverbalidade, ou seja, são formadas sempre por duas ou mais palavras. São expressões fixas, com alta frequência de uso nas línguas e possuem graus de idiomaticidade, o que significa dizer que seu significado não pode ser deduzido pela soma de seus elementos, diferentemente do que acontece com as composições livres de palavras. Estas características dificultam o tratamento, nos dicionários, a estas unidades linguísticas, pois há uma dificuldade em definir qual lexia dará entrada à expressão.

Para a realização deste trabalho, delimitamos dez expressões idiomáticas retiradas de materiais didáticos de português para falantes de outras línguas. Estas expressões fazem parte do resultado da dissertação de mestrado de Carvalho (2011). Optamos por expressões iniciadas pelo verbo “dar” com o objetivo de verificar em qual dos vocábulos que compõem a expressão estes elementos linguísticos são apresentados e verificar qual a classificação dada pelos dicionaristas a estas.

A análise foi feita em dois dicionários de língua portuguesa. O primeiro, publicado no Brasil, *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa* (2004), dicionário escolar com 27.036 verbetes é voltado a estudantes de português língua materna, usado nas escolas, no ensino fundamental II (6° ao 9° ano).

O segundo material analisado, *Dicionário da língua portuguesa: ensino português no estrangeiro* (2011), publicado em Portugal, contém cerca de 52.000 definições e tem como público-alvo estudantes estrangeiros da língua portuguesa.

A análise das expressões em questão nos permitirá ter uma ideia de como os fraseologismos estão sendo abordados nestes materiais. Considerando que as expressões idiomáticas refletem a cultura do povo que as utiliza, veremos de que forma estas divergências são refletidas nos dicionários analisados.

As expressões definidas para análise foram:

Dar com a língua nos dentes
 Dar de cara com
 Dar no pé
 Dar o bolo
 Dar o cano
 Dar o fora
 Dar o golpe do baú
 Dar um fora
 Dar um nó na garganta
 Dar uma colher de chá

Inicialmente, procuramos na macroestrutura qual o tratamento pretendido pelos dicionaristas quanto às fraseologias. No primeiro material, Houaiss, encontramos que as locuções ou frases feitas aparecerão na definição dos verbetes e serão indicadas pelo símbolo (■). O segundo dicionário faz menção a “expressões com significado próprio”, elas serão inseridas pela figura (◆).

Vejamos como são apresentadas as expressões nos dicionários citados.

Quadro 1. Minidicionário Houaiss.

Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa		
Expressão	Verbete analisado	Classificação
Dar com a língua nos dentes	Língua/Dente	fraseol. fig. inform. Cometer uma indiscrição ao falar; contar o que não devia.

Dar de cara com	Cara	-
Dar no pé	Pé	loc. vs. Inform. Fugir; debandar
Dar o bolo	Bolo	loc. vs. Inform. Faltar a compromisso ou encontro.
Dar o cano	Cano	-
Dar o fora	Fora	loc. vs. Inform. Sair, fugir
Dar o golpe do baú	Golpe / Baú	-
Dar um fora	Fora	recusa; rejeição
Dar um nó na garganta	Nó/ Garganta	-
Dar uma colher de chá	Colher/Chá	fraseol. Facilitar; favorecer.

Quadro 2. Dicionário da Língua Portuguesa.

Dicionário da língua portuguesa: ensino português no estrangeiro		
Expressão	Verbetes analisado	Classificação
Dar com a língua nos dentes	Língua/Dente	coloq. Revelar um segredo
Dar de cara com	Cara	-
Dar no pé	Pé	-
Dar o bolo	Bolo	-
Dar o cano	Cano	-
Dar o fora	Fora	coloq. Sair; fugir.
Dar o golpe do baú	Golpe / Baú	casar por interesse econômico.
Dar um fora	Fora	-
Dar um nó na garganta	Nó/ Garganta	sensação de pressão na garganta por efeito de qualquer comoção.
Dar uma colher de chá	Colher/Chá	-

Os quadros acima mostram como são apresentadas as expressões nos dicionários analisados. A primeira constatação diz respeito ao verbo que dá entrada às expressões. Percebemos que no verbo verbal – *dar* – não se apresenta nenhuma expressão idiomática. Aquelas que estão presentes nestes materiais, estão em verbetes substantivos. Após esta constatação, passamos à análise dos verbetes substantivos presentes nas expressões.

A expressão *dar com a língua nos dentes*, encontrada no verbo *língua*, está presente nos dois dicionários. Porém, no material brasileiro, encontramos uma classificação mais específica, no que se refere à marca de uso, uma vez que a expressão é tida como um fraseologismo, e uma definição mais ampla com duas opções de significado. O material de Portugal limita-se a classificá-la como coloquial e dá-lhe apenas um significado, o mais acessado pelos falantes quando se usa esta expressão.

As expressões *dar de cara com* e *dar o cano* não foram encontradas nos verbetes dos substantivos que as compõem, *cara* e *cano*. Embora estas expressões sejam utilizadas pelos falantes nativos com o sentido de ficar frente a frente com algo/alguém e dar um calote/não cumprir com o combinado, respectivamente, elas não estão ainda dicionarizadas nestes materiais.

Dar no pé e *dar o bolo* foram encontradas apenas no dicionário brasileiro, sendo classificadas como locuções verbo-substantivas de valor informal (loc. vs. Inform.). O material português não apresenta estas expressões em seus verbetes.

As expressões *dar o fora* e *dar um fora*, embora semelhantes, possuem significados diferentes e aparecem de formas distintas nos dicionários em questão. *Dar o fora* aparece nas duas publicações com o mesmo valor semântico, porém, no material brasileiro é classificado como locução verbo-substantiva de valor informal, enquanto no material português aparece como coloquialismo. *Dar um fora*, por sua vez, aparece apenas na publicação brasileira, como uma das acepções do substantivo “fora”, com o sentido de rejeitar.

Dar o golpe do baú e *dar um nó na garganta* tiveram analisados os verbetes relativos aos substantivos que apresentam - golpe/baú, nó/garganta – ambas as expressões não aparecem no dicionário brasileiro em nenhum dos verbetes analisados. No dicionário de Portugal, as duas expressões são apresentadas: *golpe do baú* aparece no verbe *golpe* e é classificada como fraseologismo; *dar um nó na garganta* está no verbe *nó* e não apresenta classificação.

A expressão *dar uma colher de chá*, também com dois verbetes analisados, apresenta definição apenas no dicionário brasileiro, no verbe *colher*, no qual é classificado como fraseologismo.

Consideramos que a presença das expressões nos dicionários é de fundamental importância para aqueles que o utilizam para enriquecimento vocabular. A análise dos materiais de uma mesma língua, mas de países e objetivos distintos, nos mostra que, no que concerne ao tratamento das expressões idiomáticas, estes materiais não se diferenciam muito. Das expressões delimitadas, apenas duas não estão registradas nos dicionários em questão. As demais são contempladas e suas entradas se dão pelos substantivos que a compõem. No entanto, é necessário que esta informação seja dada ao consultante para, assim, facilitar a busca destas unidades por quem desejar conhecê-las.

A classificação destas expressões mostra que este é ainda um campo de grandes contradições quando se trata da inserção nos dicionários. Não há uma regularidade quando se

deseja classificar as EIs, embora apresentem características semelhantes, as classificações são difusas. Percebemos que foi criada, inclusive, uma nova categoria de locução – verbo-substantiva – encontrada apenas no dicionário Houaiss.

Acreditamos que essa confusão terminológica deva-se ao caráter coloquial e informal das expressões que, muitas vezes, não gozam de tratamento no ensino/aprendizagem de línguas fazendo com que não haja uma preocupação em tratá-las sistematicamente nos materiais analisados.

5. Considerações finais

No início deste trabalho, discutimos acerca do conceito de cultura e de como as expressões idiomáticas representam a cultura de um povo. Cientes de que estas são expressões existentes nas línguas naturais e que apresentam características peculiares que a tornam de difícil compreensão, analisamos dois dicionários de uma mesma língua, a língua portuguesa, porém de países diferentes e com objetivos diferentes.

Buscamos, por meio desta breve análise, verificar de que forma os fraseologismos são tratados nestes materiais que são considerados como grande apoio aos que pretendem aprender uma língua, seja ela materna ou estrangeira.

Visto que analisamos apenas dez expressões delimitadas pelo verbo que as inicia – dar – não pretendemos aqui tecer considerações definitivas, muito menos esgotar o assunto em questão. No entanto, com esta breve análise, concluímos que uma mesma língua pode apresentar diferentes expressões linguísticas a depender de sua forma de ver o mundo e de seus costumes. Podemos perceber também que uma expressão que é muito utilizada no Brasil, por exemplo, *dar o golpe do baú* e *dar um nó na garganta* não aparecem no dicionário brasileiro, no entanto, aparecem no dicionário português destinado a falantes estrangeiros.

Da mesma maneira, constatamos que há expressões comuns aos dois países, embora compartilhem culturas diferentes, é o caso de *dar o fora* e *dar com a língua nos dentes*.

Considerando as dez expressões analisadas, quatro delas não estão no dicionário brasileiro e seis não estão no dicionário português. Quanto à classificação destes elementos linguísticos, o dicionário brasileiro classifica algumas como fraseologismos, o que não ocorre no dicionário lusitano, todavia, ainda há uma variação nessa classificação, uma vez que expressões com as mesmas características são definidas como fraseologismo, locução verbo-substantiva ou coloquialismo.

É importante destacar que este trabalho não pretende criticar o trabalho dos dicionaristas, porém, sabendo da importância dos fraseologismos na comunicação humana e do grande uso que os falantes fazem deles, além das características bastante peculiares a estas expressões, faz-se necessário que elas figurem nestes materiais já que eles são apoio aos que pretendem “aprender” a língua portuguesa em toda sua cultura e sua riqueza.

Consideramos, portanto, que as expressões idiomáticas estão nos dicionários analisados, com definições úteis ao consulente, porém, é preciso uma melhor sistematização no que diz respeito à classificação destes elementos, além da definição de qual verbete servirá de entrada quando se trata de expressões com dois ou mais substantivos.

Referências bibliográficas

Academia Brasileira de Letras. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico. In: Rio-Torto, G.; Figueiredo, O.M; Silva, F. (Org.). **Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. 1ªed. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade de Porto, 2005, v. II, p. 747-757.

CARVALHO, O. L. de S.; BAGNO, M. (Orgs.). **Dicionários escolares: políticas, formas e usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CARVALHO, G. L. **As unidades fraseológicas no ensino de português língua estrangeira: os últimos serão os primeiros**. 2011. 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

COROA, M. L. Para que serve um dicionário?. In. CARVALHO, O. L. de S.; BAGNO, M. (Orgs.). **Dicionários escolares: políticas, formas e usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p.61-72.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: positivo, 2010.

FONTES, S. M. Um lugar para a cultura. In. CUNHA, M. J. C; SANTOS, P. **Tópicos em português língua estrangeira**. (Org.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HOUAISS, A. (Org.). **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

JORGE, G. Algumas reflexões em torno das expressões idiomáticas enquanto elementos que participam na construção de uma identidade cultural. In: **Polifonia**. Lisboa: Edições Colibri, n.º

4, 2001, pp.215-222. Disponível em: http://www.fl.ul.pt/unil/pol4/mesa_txt5.pdf. Acesso em 12 set. 2009.

KRAMSCH, C. The cultural component of language teaching. In: **Zeitschrift für Interkulturellen Fremdsprachenunterricht** [Online], 1(2), 13 pp., 1996. Op: http://www.spz.tu-darmstadt.de/projekt_ejournal/jg_01_2/beitrag/kramsch2.htm. Acesso em 20 setembro 2012.

KRIEGER, M. G. Dicionários para o ensino de língua materna: princípios e critérios de escolha. In: **Revista Língua e Literatura**. Frederico Westphalen: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, 2004/2005, v. 6-7, p. 101-112.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

MORAIS POLÓNIA, C. P. F. **As expressões idiomáticas em português língua estrangeira: uma experiência metodológica**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto, 2009.

NUNES, J. H. **Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX**. São Paulo: Pontes, 2006.

ORTIZ ALVAREZ, M. L. Os fraseologismos como expressão cultural: aspectos de seu ensino em PLE. In: CUNHA, M. J. C; SANTOS, P.(Org.). **Tópicos em português língua estrangeira**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar: o que é como se lê**. Fortaleza: EdUECE, 2009.

PORTO EDITORA. **Dicionário português ensino português no estrangeiro**. Porto Editora: Porto, 2011.

POTTIER, B. **Estruturas linguísticas do Português**. São Paulo: Difel, 1975.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ZULUAGA OSPINA, A. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Frankfurt a. M., Bern, Cirencester/UK: Lang, 1980.

Bibliografia

CORPAS PASTOR. G. **Manual de fraseologia española**. Madrid: Gredos, 1996.

RANGEL, E. de O. Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da “proposta lexicográfica”. In: CARVALHO, O. L. de S.; BAGNO, M. (Orgs.). **Dicionários escolares: políticas, formas e usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 61-72.

TAGNIN, S. E. O. **O Jeito que a Gente Diz: expressões convencionais e idiomáticas**. São Paulo: Disal, 2005.

TRISTÁ, A. M. **Fraseología y Contexto**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales. 1988.

Artigo recebido em: 05.11.2014

Artigo aprovado em: 13.09.2014

Domínios de Lingu@gem